

IDENTIDADE E MUDANÇA LINGUÍSTICA EM LIBRAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DIACRÔNICO EM LÍNGUA DE SINAIS

Indira Simionatto Stedile Assis Moura ¹

José Arnor de Lima Júnior ²

Marcela Costa Silvestre ³

Nayana Lariny de Moraes Soares ⁴

RESUMO

As línguas de sinais como a Libras, tal como a língua portuguesa e as demais línguas orais-auditivas, apresentam elementos linguísticos e discursivos característicos, assim como preconizado por Stokoe (1960). Dentro dos estudos da linguagem, um aspecto sobressalente da estruturação do dizer é o processo diacrônico, caracterizado como a evolução da língua ao longo do tempo. No caso da Libras, essa evolução ocorre por meio de mudanças lexicais, sintáticas e discursivas, refletindo as transformações socioculturais da comunidade surda. Como pontua Quadros (2019), a variação linguística presente na Libras evidencia sua natureza dinâmica, demonstrando que a língua não é estática, mas sim um fenômeno vivo que se adapta às necessidades comunicativas de seus usuários. Considerando a realidade apresentada, essa investigação objetiva analisar como a mudança linguística em Libras constitui e ratifica o pensamento de membros da comunidade surda. Para tanto, a pesquisa se ampara nos Estudos Surdos, nos Estudos Culturais e na Análise Dialógica do Discurso. Como instrumento teórico-metodológico, optou-se por realizar uma entrevista semiestruturada com líderes da comunidade, indagando acerca de por que tais alterações linguísticas mostraram-se necessárias no decurso do tempo, e como essa variação impacta na conversação cotidiana. Ao que se pôde perceber, a variação de traços fonético-fonológicos ou morfológicos reflete e refrata o discurso da comunidade surda. Quando manifestam sua posição axiológica por meio da inventividade, rejeitam a exteriorização das práticas colonialistas, mormente, da imposição ouvintista.

Palavras-chave: Identidade, Mudança Linguística, Estudos Surdos, Língua de Sinais, Variação.

INTRODUÇÃO

As línguas de sinais, como a Língua Brasileira de Sinais (Libras), compartilham com as línguas orais-auditivas, a exemplo da língua portuguesa, a característica de possuir

¹ Doutoranda em Linguística da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, indirastedile@gmail.com

² Mestre em Educação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, josearnor.lima@ufpe.br;

³ Graduanda em Letras Libras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, mnycosta95@gmail.com;

⁴ Graduanda em Letras Libras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, nayana.soares1990@gmail.com;



elementos linguísticos e discursivos próprios, conforme já preconizado por Stokoe (1960). Dentro dos estudos da linguagem, um aspecto de grande relevância na estruturação do dizer é o processo diacrônico, que se refere à evolução da língua ao longo do tempo. No caso específico da Libras, essa evolução se manifesta por meio de mudanças lexicais, sintáticas e discursivas, que são um reflexo direto das transformações socioculturais vivenciadas pela comunidade surda.

Nessa perspectiva, a variação linguística presente na Libras evidencia sua natureza intrinsecamente dinâmica, demonstrando que a língua não é estática, mas sim um fenômeno vivo que se adapta continuamente às necessidades comunicativas de seus usuários (Quadros, 2019). As alterações de traços fonético-fonológicos ou morfológicos que surgem na Libras não são aleatórias; elas refletem e refratam o discurso da comunidade surda. Essa inventividade linguística, que modifica a língua, está, muitas vezes, ligada a um profundo posicionamento axiológico de resistência, rejeitando a exteriorização das práticas colonialistas, sobretudo a histórica imposição ouvintista.

Considerando essa realidade dinâmica e politicamente carregada, esta investigação propõe-se a analisar como a mudança linguística em Libras constitui e ratifica o pensamento de membros da comunidade surda. Para tanto, o estudo se ampara em uma triangulação teórica que inclui os Estudos Surdos, os Estudos Culturais e a Análise Dialógica do Discurso.

METODOLOGIA

Acerca da metodologia elegida, adota-se um delineamento metodológico de natureza qualitativa e interpretativista, seguindo os princípios da Linguística Aplicada (LA). A escolha pela LA se justifica por sua missão de transcender a mera descrição linguística e "criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem papel central" (Moita Lopes, 2006, p. 14). O estudo alinha-se a essa vertente crítica ao focar na mudança linguística da Libras como um fenômeno que reflete e refrata (interpreta) o discurso e a resistência da comunidade surda frente à imposição ouvintista.

O *locus* da pesquisa empírica foi a comunidade surda organizada de Recife, Pernambuco, no primeiro semestre de 2025. O perfil da amostragem foi intencional e não-probabilístico, direcionado a 7 líderes da comunidade surda (incluindo ativistas, educadores e produtores de conteúdo digital em Libras). Os critérios de inclusão foram:



ser membro ativo da comunidade surda local, ser usuário fluente da Libras, e possuir experiência de atuação ou liderança que lhes conferisse uma perspectiva crítica sobre a evolução da língua e suas barreiras sociais. Foram excluídos indivíduos sem fluência na Libras ou que não tivessem envolvimento direto com as dinâmicas de uso social da língua.

O instrumento de coleta de dados primários foi a entrevista semiestruturada. Essa técnica mostrou-se mais adequada para o paradigma interpretativista, pois permite que o pesquisador, enquanto mediador, indague sobre a experiência dos sujeitos (Ladd, 2003), mantendo a flexibilidade necessária para explorar as nuances e os sentidos subjacentes. As entrevistas foram centradas em eixos temáticos: indagar acerca de por que tais alterações linguísticas se mostraram necessárias no decurso do tempo, e como a variação (de traços fonético-fonológicos ou morfológicos) impacta a conversação cotidiana e a constituição identitária. O *corpus* de análise compôs-se pelas transcrições das 15 entrevistas, notas de campo e materiais visuais (exemplos de sinais em variação) fornecidos pelos entrevistados. A análise será guiada pelos pressupostos dos Estudos Surdos e da Análise Dialógica do Discurso (Bakhtin, 2017), focando em como o posicionamento axiológico dos sujeitos se manifesta na inventividade linguística e na rejeição das práticas colonialistas.

REFERENCIAL TEÓRICO

No que se liga ao alicerce teórico mobilizados, faz-se uso, fundamentalmente, dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos, dado que se parte da premissa de que a identidade é um conceito inerentemente complexo e socialmente construído, demandando uma conceitualização em suas diferentes dimensões. Conforme postulam Silva, Hall e Woodward (2014), a identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica comparativa a outras identidades. Contudo, essa noção de identidade frequentemente se choca com reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um grupo, onde a identidade é vista como fixa e imutável. O essencialismo pode fundamentar-se na natureza ou na história, sendo a história construída ou representada como uma verdade imutável. Ademais, a identidade está vinculada a condições sociais e materiais, o que tem efeitos reais: grupos excluídos, por exemplo, frequentemente enfrentam desvantagens materiais.

Nesse panorama de antagonismos, surgem as identidades surdas, que se constroem em contraposição à norma ouvinte. Segundo Perlin (2013), as identidades surdas estão



diretamente vinculadas a comunidades que utilizam as línguas de sinais. A autora, em sua perspectiva de surda não nativa e militante, compreende a língua de sinais não apenas como um código, mas como um artefato cultural, enfatizando as experiências eminentemente visuais desse grupo social. Uma especificidade crucial da identidade surda é que ela só se solidifica no encontro com o par surdo. Existem duas justificativas evidentes para tal: a necessidade de espelhamento (assimilação de traços culturais comuns) e a necessidade de empoderamento, visando à tentativa de "gerar poder para si e para os outros" (Perlin, 2013, p. 4). Essa luta demonstra que as questões políticas, em sentido amplo, devem ser abarcadas para que não se ignorem interesses partilhados, o que exige a união de surdos e ouvintes em prol do movimento surdo.

A necessidade de insubordinação contra o ouvintismo (ideologia que impõe a audição como norma) impulsiona a reestruturação do fazer científico e a criação de novas nomenclaturas, como o termo Deafhood (Ladd, 1990), cunhado pelo pesquisador surdo Paddy Ladd. O conceito de Deafhood, juntamente com a noção de "Ser surdo" criada por Perlin (2013), integra os conceitos essenciais para se problematizar a constituição identitária. A identidade, nesse sentido, não é unificada, podendo haver contradições internas que precisam ser negociadas. Compreender o sujeito surdo exige o rompimento com a visão tradicional e a afirmação da identidade como justa e necessária na atual configuração social. Sem essa visão da alteridade, seria árdua a tarefa de mudar o *status quo*.

Vale salientar que a constituição da identidade de surdos está intrinsecamente ligada à mesmidade – a percepção do sujeito de si espelhada em seus desejos particulares e nos interesses do grupo com quem convive. É nesse processo de identificação e diferenciação que se manifesta a dinâmica de mudança da língua de sinais, em analogia à língua oral-auditiva. O anseio de se diferenciar da influência ouvinte, e de se constituir em meio à visualidade, é um ato de resistência que se enquadra na luta por essa identidade. A comunidade surda, ao se confrontar com representações e formas de ser que lhe são arrogadas pela maioria ouvinte, reage ativamente.

Nessa seara, como aludem Quadros e Perlin (2003), as experiências da maioria não deveriam resultar em uma ação exterminadora que visa ao apagamento das línguas de sinais e das manifestações da cultura surda. Portanto, a mudança linguística na Libras (a criação de novos sinais ou a repulsa a empréstimos do Português) é, muitas vezes, um movimento deliberado de distanciamento cultural. Ao priorizar a visualidade como elemento primordial da comunicação, a comunidade surda está reforçando sua própria



cultura e identidade. Tal atuação consciente frente ao outro, embora demorada, reflete o avanço em curso no qual o uso da linguagem por parte dos surdos e a exposição de narrativas por parte dos ouvintes começam a refletir essa necessária responsabilidade e respeito pela diferença.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nas prerrogativas metodológicas, foram entrevistados 7 líderes da comunidade surda, no entanto, priorizou-se falar dos 1) aspectos gerais observados no processo interlocutivo; 2) e trazer à tona frases as quais exemplifiquem quais as opiniões manifestadas. Disso isso, a fala de um dos líderes a seguir, traduzida para o português, pode ser ponto de partida para o início da análise:

É... tipo assim, a gente tem que ter um olhar muito crítico pros sinais que a gente usa, sabe? Ah, sim, tipo o sinal de FAMÍLIA [faz o sinal] ou de REUNIÃO [faz o sinal]... eles são ótimos, claro, a gente usa, mas eles são muito próximos da datilologia, do Português, entende? A configuração de mão é 'F' ou 'R'. O ouvinte inventou, né? A gente tem que reconsiderar isso. Onde está a visualidade verdadeira da Libras ali? Onde está a nossa cultura? O nosso modo de pensar é visual! Se a gente quer um sinal puro, forte, que rejeite essa cópia do Português, a gente tem que criar ou preferir um sinal que mostre a ação, o movimento, o espaço, sabe? Que seja mais icônico, mais nosso, pra marcar a nossa autonomia (Líder 7)

O trecho proferido pelo líder da comunidade surda expõe uma reflexão sobre a autonomia linguística da Libras e sua submissão a um colonialismo não percebido pelo sistema majoritário. O falante questiona a origem de sinais como FAMÍLIA e REUNIÃO, que são considerados muito próximos da datilologia e da língua portuguesa, sugerindo que a configuração de mão baseada em letras ("F" ou "R") foi inventada por pessoas ouvintes. Nessa circunstância apresentada, a crítica se instala no fato de que essa influência do português comprometer a visualidade da Libras e a expressão autêntica da cultura surda. Segundo o líder argumenta, quando a Libras incorpora empréstimos da língua oral-auditiva, ela perde sua essência icônica e visual-espacial, forçando um modo de pensar que não é o natural da comunidade surda.

Nesse sentido, a dinâmica aponta para um colonialismo linguístico sutil: a língua dominante impõe seus padrões, quais sejam, a letra, o logocentrismo, na criação dos sinais, e a comunidade, ao usá-los, acaba perpetuando a ideia de que a Libras precisa de



uma muleta ou de uma referência ouvinte para existir. A demanda do líder por "um sinal puro, forte, que rejeite essa cópia" e que seja "mais icônico, mais nosso," é um clamor pela autonomia e por uma descolonização do léxico, onde o valor da Libras seja medido por sua própria estrutura visual.

Já o trecho a seguir, do Líder 4, traz uma perspectiva acerca da diacronicidade:

A conversação do dia a dia muda o tempo todo, entende? E essa evolução da Libras, ela é necessária para a nossa identidade. Os sinais novos que surgem, eles têm tudo a ver com a nossa cultura, com a nossa forma de ver o mundo, saca? Se a gente não muda, a gente fica preso no passado, né? A comunidade surda tem a sua própria história, e a língua precisa acompanhar isso. É, é um jeito de dizer: 'Eu sou surdo, minha língua é visual, e eu construo ela, eu mando nela!' (Líder 4)

O excerto da fala, onde o ativista afirma que a "evolução da Libras... é necessária para a nossa identidade" e que os sinais surgem porque "têm tudo a ver com a nossa cultura, com a nossa forma de ver o mundo," culminando na afirmação "Eu sou surdo, minha língua é visual, e eu construo ela, eu mando nela!", estabelece uma correlação fundamental com o conceito de Deafhood (identidade surda) de Ladd (2005). O Deafhood é definido como uma forma de medir as possibilidades de ser e estar no mundo como pessoa surda, sendo uma necessidade crítica para culturas minoritárias que sofreram opressão. Ao contrário das culturas majoritárias, cuja mudança cultural é implícita, as minorias, como a surda, são forçadas a criar e recriar suas culturas, buscando referências autênticas para construir um self (ser) "maior" e resiliente. A recriação linguística observada na Libras, com a invenção de novos sinais e a rejeição da influência ouvinte, é, portanto, a materialização desse processo de Deafhood e um ato político de resistência e autoafirmação identitária.

De forma semelhante, a frase do líder a seguir apresenta como os processos diacrônico refretem e refratam posições políticas:

a gente vê que a Libras muda rápido, né? Principalmente os sinais que têm, ah, muita influência do português. Tipo, a gente cria um sinal novo, mais visual, pra dizer uma coisa que antes era só soletrada. Por que isso acontece? Ah, sim, é para marcar a nossa diferença. Não é só a língua evoluindo, é a comunidade dizendo: 'olha, a gente não aceita mais essa cópia do português!' É um ato político, entende? A gente tá rejeitando aquela ideia de que a nossa língua é inferior (Líder 2)



O excerto da fala, onde o ativista afirma que a comunidade surda "cria um sinal novo, mais visual, pra dizer uma coisa que antes era só soletrada... para marcar a nossa diferença" e, ao final, diz: "a gente não aceita mais essa cópia do português! É um ato político, entende? A gente tá rejeitando aquela ideia de que a nossa língua é inferior", demonstra que a própria constituição do sujeito e da língua se dá na relação com o Outro. Essa atitude responsiva da comunidade frente à imposição ouvintista está profundamente ligada ao conceito de dialogismo (Bakhtin, 1999, *apud* Faraco, 2009, p. 76), uma vez que "Viver significa tomar parte do diálogo: fazer perguntas, dar respostas, dar atenção, responder". O ato de não aceitar mais essa cópia do Português é um turno nesse diálogo social, sendo a língua (o sinal) o meio pelo qual a comunidade se insere no "simpósio universal" para afirmar sua existência.

A inserção no mundo (Arendt, 2010) da comunidade surda, por meio da recriação da Libras e da rejeição ao oralismo, representa um segundo nascimento. É por meio desses atos e palavras (os novos sinais) que eles se inserem no mundo humano, confirmando sua diferença e assumindo sua forma de ser visual. Adicionalmente, a luta por uma Libras autônoma é a busca por uma identidade própria. A afirmação "Eu não posso passar sem outro; não posso me tornar eu mesmo sem o outro" (Bakhtin, 2015, p. 323) explica que a comunidade surda só pode se tornar si mesma ao se diferenciar da voz opressora do ouvinte, estabelecendo um reflexo recíproco no qual a sua identidade é validada

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões finais desta investigação convergem para a compreensão de que a mudança linguística na Libras é um fenômeno diacrônico intrinsecamente ligado à luta política e à constituição da identidade surda, e não apenas um ajuste formal do léxico. O estudo, ao trazer à tona a voz dos líderes da comunidade, desvela que a essência do conceito de Deafhood.

Nesse sentido, a recriação ativa da Libras, por meio da inventividade e da variação de traços, é a materialização da resistência de uma minoria que, historicamente oprimida, é forçada a "criar e recriar" sua cultura para afirmar um *self* resiliente. A análise, ancorada no dialogismo bakhtiniano, reforça que a rejeição à influência do Português é um ato



responsivo e um turno discursivo no simpósio universal da vida social. A língua de sinais, em sua natureza dinâmica, é o principal artefato onde se manifesta o posicionamento axiológico da comunidade, que usa a inovação lexical e morfológica para rejeitar a imposição ouvintista.

A evolução da Libras representa ato pelo qual a comunidade surda se insere no mundo em sua integralidade visual e linguística, buscando um reflexo recíproco no Outro, sem o qual a identidade não se completa. O trabalho sinaliza, assim sendo, para a urgência de futuros pesquisadores darem continuidade a essa linha de investigação, migrando da análise puramente estrutural para a Análise Dialógica do Discurso aplicada à variação diacrônica. Nesse âmbito, é possível que estudos vindouros aprofundem o mapeamento das mudanças lexicais e morfológicas regionais em Libras.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma refeitura sobre o livro de Dostoiévski**. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 293.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo: As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LADD, Paddy. **Understanding Deaf Culture: In Search of Deafhood**. Clevedon: Multilingual Matters, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Linguística Aplicada e vida contemporânea: por que ir além do ensino de línguas?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PERLIN, Gladis. **Identidades surdas**. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 11-38.



SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

